



Preview SP-Arte Rotas Brasileiras

Aura Galeria

Stand D13

O que poderia responder uma galeria provocada pela ideia de rotas brasileiras como estratégia para discutir as artes visuais em uma feira?

Como o conceito é maleável, se inicia tratando dos novos rumos que a própria galeria vem tomando.

Desde abril, a Aura conta no comando de sua operação com Edoardo Bianchieri e Nei Vargas da Rosa, ambos a frente de mudanças no grupo de artistas representados, na equipe, na marca, no endereço, na política de funcionamento e tantas outras questões que envolvem o projeto de uma jovem galeria.

No cerne e razão da Galeria, o grupo de artistas. A ideia de uma representação que pudesse trazer pesquisas poéticas de outras geografias foi um objetivo rapidamente incorporado no início da reformulação. As escolhas precisavam explorar uma gama de linguagens variadas, com propostas capazes de dar soluções de excepcional qualidade às questões conceituais e, ainda, afinadas ao debate contemporâneo das artes visuais.

A participação na SPArte Rotas Brasileiras serve de oportunidade para apresentar um pouco do projeto de reconstrução da Aura. Agora seus esforços estão centrados na construção da carreira de artistas no Brasil e exterior, institucional e mercadologicamente, dentro de um programa projetado para contribuir com o desenvolvimento do colecionismo de arte contemporânea.

Nos dias 24 e 25, o stand abre com um solo de Érica Magalhães, artista de Muriaé, MG. Ela elabora esculturas que colocam materiais díspares em permanente tensão e equilíbrio, alcançando um impacto pela forte carga emocional das suas obras.

De 26 a 28, o stand muda completamente ao ser tomado pelas pinturas exuberantes de Maria Lynch, Luíza Gottschalk e Bruno Weileman Belo, os dois últimos com obras especialmente feitas para a Feira. Junta-se a eles Ítalo Trindade, potiguar que elabora formulações cromáticas sofisticadas, que pouco foram vistas em centros como São Paulo. Na mesma linha, Arivânio Alves, de Quixelô, CE, traz uma pintura de caráter singelo com marcante valor expressivo, elaborada com base em aspectos culturais da sua região.

Destaque para a dupla indígena Duhigó e Dhiani Pa'saro, do povo Tukano e povo Wanano do Amazonas, respectivamente, ambos pela primeira



Preview SP-Arte Rotas Brasileiras

Aura Galeria

Stand D13

vez em uma feira em São Paulo. Estes artistas visuais são frutos da Escola de Artes do Instituto Dirson Costa de Arte e Cultura da Amazônia (IDC), dentro do projeto "Reconstrução do Imaginário Amazônico" que abrange aspectos socioculturais e econômicos, em Manaus. Na Aura Galeria os dois fazem parte de um projeto de parceria com a Manaus Amazônia Galeria de Arte, de Manaus que representa artistas indígenas e não-indígenas com poética amazônica.

Duhigó pinta com base na sua memória ancestral cenas do cotidiano, divindades e hábitos que marcam a cultura do seu povo Tukano. No mesmo dia 26/08, Duhigó participa da mostra Histórias Brasileiras, no MASP, com um autorretrato de corpo inteiro. Além disso, suas obras ambientam a temporada Amazônia do bar e restaurante Espaço Priceless Mastercard Notiê e Abaru, no rooftop do Shopping Light, Centro de São Paulo.

Dhani Pa'saro apresenta elementos de sua cultura Wanano, como objetos do cotidiano, fauna e flora, expresso por meio de imagens de trançados indígenas elaborados em uma refinada marchetaria de quadros. Por meio dos dois artistas, o público poderá tomar contato com construções culturais que muito podem nos ensinar e nos ajudar a desbravar "rotas brasileiras" fora das convencionais.

**Arivânio Alves – Bruno Weilemann Belo – David Ceccon
– Dhiani Pa'saro – Duhigó – Érica Magalhães – Fernanda
Valadares – Ítalo Trindade – Luiza Gottschalk –
Marcelo Gandhi – Marga Ledora – Maria Lynch – Renan
Teles – Renato Pera – Talita Hoffmann – Talles Lopes**



Arivânio Alves

Quixelô/CE, 1994. Vive e trabalha em Juazeiro do Norte/CE.

Natural de Quixelô, CE, Arivanio Alves é um artista que ilustra bem o gênero que muitos chamam de naif. Deixando de lado, a questão da nomenclatura propriamente dita, ele, autodidata, parte de situações do seu cotidiano mental para construir uma obra visual que é uma interpretação de mundo.

O que isso significa? Alves, como boa parte dos artistas populares, tem na simplicidade a sua principal característica. Mas isso não significa simplismo. Pelo contrário, a forma como articula temas, cores e formas traz elementos biográficos e memórias afetivas que erguem um castelo mental muito próprio.

O desafio de conhecer e estudar criadores populares está justamente em entender como esse jogo se dá. Na maioria das vezes, não se trata de elaborar questões antropológicas complexas, mas, pelo contrário, de exercitar o nosso olhar para aprender e apreender como o fazer encontra diversas formas de expressão.

Arivanio Alves apresenta uma sinceridade que torna sua arte modelar. Conceituá-la ou validá-la aos olhos eruditos torna-se desnecessário. Seu fazer se cristaliza no universo da percepção.

Há ali um cronista, no sentido de viver cada instante com grande poder de observação, e uma ingenuidade, que permite viver cada experiência como nova e única.





Arivânio Alves
Parindo mais um gozo, 2021
acrílica e pva sobre tela
36,5 x 29 cm

Bruno Weilemann Belo

Rio de Janeiro/RJ, 1983. Vive e trabalha em Petrópolis/RJ.

Bruno Weilemann Belo, artista carioca radicado em Petrópolis, região serrana do estado do Rio de Janeiro, parte da pintura para investigar modos de sedimentação das imagens, das memórias e de todo um universo de fatos e ficções que surgem quando ativamos as lembranças e recordações. Assim, sua pintura se aproxima da ideia de projeção, própria ao filme e à fotografia, e passa a testar ela mesma processos de revelações que jogam com luzes, frames e sequências de imagens. Ao somar fragmentos de episódios corriqueiros com citações de outras autorias, conversando com o cinema e com a literatura, Bruno Weilemann permite a coexistência de narrativas, tempos e espacialidades que se atravessam sutilmente, desvelando-se aos poucos para cada um de nós.

Seus trabalhos em tela e papel, que misturam aquarela, grafite, tinta a óleo e acrílica, aproximam os raciocínios de esboço e rascunho próprios do desenho com a mancha da pintura. Desse modo, as produções do artista surgem desse entrecruzamento entre imagem e esquema, deixando sempre em dúvida o grau de realismo que participa dessas cenas. Ainda, suas pinturas e desenhos escorrem sobre a superfície, denotando uma submersão em efeitos de aguados. Essa liquidez da imagem de Bruno Weilemann aporta um certo teor de transitoriedade em suas narrativas, o que se contrapõe à perenidade da matéria que as constroem.





Bruno Weilemann Belo

Paisagem sobre paisagem II, 2022

escultura realizada a partir de bloco de madeira, base e pinos em aço,
pintura a óleo sobre tela, sobre pintura a óleo sobre tela

60 x 60 x 15 cm



David Ceccon

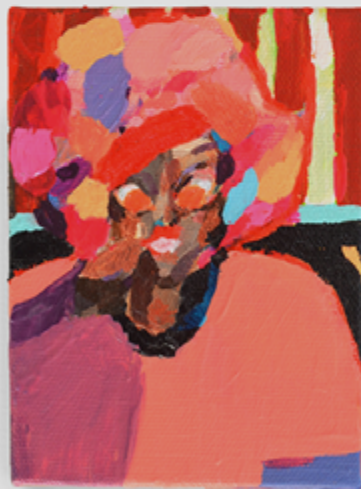
Porto Alegre/RS, 1992. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.

David Ceccon desenvolve seu trabalho através de diferentes linguagens, como gravura, pintura, cerâmica, objeto e fotografia. Também utiliza o ciberespaço e as redes sociais como fonte de criação e experimentação artísticas. Em sua poética, interessa-se pelas ambiguidades das relações humanas e pelos mecanismos de construção, fragmentação e dissolução das identidades – e sujeitos – na sociedade contemporânea.

Utilizando-se de conceitos como diferença, pós-identidade, autorrepresentação, reprodutibilidade, autobiografia e autoficção, explora os modos pelos quais performamos nossas existências sobre o mundo e transita por questões que tangem o biológico, o cultural, o fictício, o real e o virtual.

Foi contemplado com uma residência artística em La Rochelle/França pelo 2º Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea (2018). Também recebeu o Prêmio IEAVI (2015) e o Prêmio Açorianos da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre nas categorias Artista Revelação e Destaque em Gravura (2016).





David Ceccon

*Sem título (drag com argolas), 2020; Sem título (contorcionista), 2020;
Esperando nº4, 2020; Três chapéus, 2020*

acrílica sobre tela
12 x 9 cm cada

Dhiani Pa'saro

São Gabriel da Cachoeira/AM, 1975. Vive e trabalha em Manaus/AM.

Dhiani Pa'saro (nome que significa Pato do Mato, na língua indígena Wanano) é um índio da etnia Wanano e nasceu em 23 de fevereiro de 1975, na aldeia Tainá, no município de São Gabriel da Cachoeira, na região do Alto Rio Negro, Estado do Amazonas. É filho de pai Wanano e mãe Kobéua, veio para Manaus aos 23 anos e formou-se em Pintura e Marchetaria na Escola de Arte do Instituto Dirson Costa de Arte e Cultura da Amazônia, em 2007 e 2008. É o primeiro indígena da etnia Wanano a se profissionalizar nas artes visuais. Fala fluentemente as línguas indígenas Wanano, Kobéua e Tukano.

Dhiani desenvolve em seu ateliê, às margens do rio Tarumã-Mirim, afluente do rio Negro, suas obras em pintura e marchetaria. Para a Aura Galeria, em São Paulo, desenvolveu uma coleção de trançados sagrados dos índios Wanano e Ticuna, em marchetaria. É um artista de ampla produção e representado pela Manaus Amazônia Galeria de Arte, em Manaus.

Em seus trabalhos, Dhiani expressa a cultura primitiva e ancestral da Amazônia na cosmovisão indígena, dentro de uma expressão poética original e muito própria. Assim, ele vê na arte a possibilidade de salvaguardar a ancestralidade de seu povo Wanano, registrando hábitos das etnias amazônicas presentes em sua memória afetiva.

Entre exposições coletivas e individuais, destaca-se: "1ª Coletiva de Artistas Indígenas do Amazonas", no Studio 5 Festival Mall, em Manaus – 2005; "Coletiva Sopro Tribal", na Galeria do Largo, em Manaus – 2006; "1ª Mostra Individual Indígena", no Hotel Tropical, em Manaus – 2006; 14 peças compoem a obra "YOI – Mito de Criação dos Tikuna", no Museu Maguita, em Benjamin Constant, Estado do Amazonas – 2007; "Coletiva Trançados e Cores da Amazônia", no Manaus Casa Shopping, em Manaus – 2008; "Coletiva Novos Talentos Brasileiros", no Salão Negro do Senado Brasileiro, em Brasília – 2008; "1ª Coletiva Internacional de Artistas Amazônicos, na sede da ONU, em Nova Iorque/EUA – 2009; "CAA BOC- Mostra IDC de Arte Amazônica" em Manaus – 2012 e "Salão de Artes – A Marinha na Amazônia" – 2016.

Entre 2019 e 2020 participou da exposição VaiVém, com a obra Wãnã Phunõ (Rede Preguiça, na língua Wanano), composta por 44 tipos de madeira. VaiVém teve curadoria de Raphael Fonseca e percorreu os Centros Culturais Banco do Brasil em São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

No mesmo ano, a obra Escudo de Dança, em marchetaria, participou de uma curadoria do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). A obra agora faz parte do catálogo da Exposição "Histórias da Dança", que devido a pandemia de COVID-19 não pode acontecer de forma física no museu.





Dhiani Pa'saro
WĂMÔNOĂ, 2021
marchetaria
27,5 x 22 cm

Duhigó

São Gabriel da Cachoeira/AM, 1957. Vive e trabalha em Manaus/AM.

Duhigó (significa “primogênita”, na língua indígena Tukano) nasceu em 02 de março de 1957, na aldeia Paricachoeira, município de São Gabriel da Cachoeira, região do Alto Rio Negro, Estado do Amazonas, Brasil. É filha de pai Tukano e mãe Dessana (etnias amazônicas). Mora em Manaus desde 1995. Concluiu o curso de Pintura na Escola de Arte do Instituto Dirson Costa de Arte e Cultura da Amazônia, em 2005, tornando-se a primeira indígena da etnia Tukano a se profissionalizar nas artes visuais.

Em suas telas, expressa, principalmente, a cultura ancestral da Amazônia na cosmovisão indígena. Também costuma representar em seus trabalhos o cotidiano próprio das “nações” indígenas, seus artefatos e elementos mitológicos. Sua prioridade é registrar a memória dos índios Tukano, assim como a natureza amazônica presentes em sua memória afetiva. Fala fluentemente as línguas indígenas Tukano, Dessana e Tuyuka, além do Português.

Entre as exposições coletivas, destaca-se “Coletiva de Artistas Indígenas do Amazonas” em Manaus – 2005; “Coletiva Sopro Tribal” em Manaus – 2006; “Coletiva Artistas indígenas”, em Manaus – 2007; “Coletiva Trançados e Cores da Amazônia” em Manaus – 2008; “Coletiva Internacional de Artistas Amazônicos”, em Nova Iorque/EUA – 2009; Coletiva “Amazônia Sou Eu” na sede da ONU, em Nova Iorque/EUA – 2009; “CAA BOC- Mostra IDC de arte amazônica” em Manaus – 2012 e “Salão de Artes – A Marinha na Amazônia”, em Manaus – 2016. No ano de 2017, Duhigó recebeu o prêmio de 1º lugar no Salão de Artes da Marinha, em Manaus, na categoria Amazônia, com a obra “Mahrãm Poli Betó – Cocar Desconhecido”.

Em 2018, foi selecionada com duas obras para a Bienal Naifs do Brasil, a mais importante da América Latina. Entre 2019 e 2020, participou da Exposição Itinerante VaiVém, a convite, com a obra em acrílica sobre madeira Nepu Arquepu (Rede Macaco, na língua Tukano), que narra o ritual de nascimento de um bebê Tukano. Em 2020, a obra foi destaque na crítica de Oliver Basciano, da Revista ArtReview, edição de março, sobre a exposição VaiVém, no Brasil.

Em agosto de 2021, a obra Nepu Arquepu passou a pertencer ao acervo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP, por meio da doação de Mônica e Fábio Ulhoa Coelho, tornando Duhigó a primeira artista indígena do Amazonas a compor o acervo do mais importante museu da América Latina.

Recentemente, Duhigó aceitou o convite da Aura Galeria em uma parceria com a Manaus Amazônia Galeria de Arte para apresentar uma coleção de obras inspiradas em sua ancestralidade, cotidiano e elementos de representatividade de seu povo Tukano na sua primeira feira de arte em São Paulo, a SP-Arte “Rotas brasileiras”.





Duhigó

VE'EI (Pequena Maloca), 2021

acrílica sobre tela

80 x 100 cm

Érica Magalhães

Muriaé/MG, 1983. Vive e trabalha em São Paulo/SP.

Contradição, tensão, precariedade, delicadeza, subjetividade, rigidez, equilíbrio. São alguns termos possíveis para pensar o trabalho de Érica Magalhães, artista que produz obras colocando em harmonia materiais aparentemente incompatíveis.

O confronto de elementos díspares avança no que eles carregam simbolicamente. A dureza e rigidez do cimento pode estar mais associado ao universo da masculinidade, já a porcelana nos remete à leveza e feminilidade. Com suas porcelanas delicadas incrustadas ou suspendendo pesados blocos de concreto armado, a artista ergue estruturas arquitetônicas que confrontam noções de equilíbrio e solidez.

Na reunião de contrastes, sua obra nos convida a refletir sobre subjetividades dissidentes em um mundo pouco hábil em tolerar as diferenças.





Érica Magalhães

Sem Título, 2022

concreto, pires de porcelana e vergalhão de ferro

160 x 36 x 36 cm



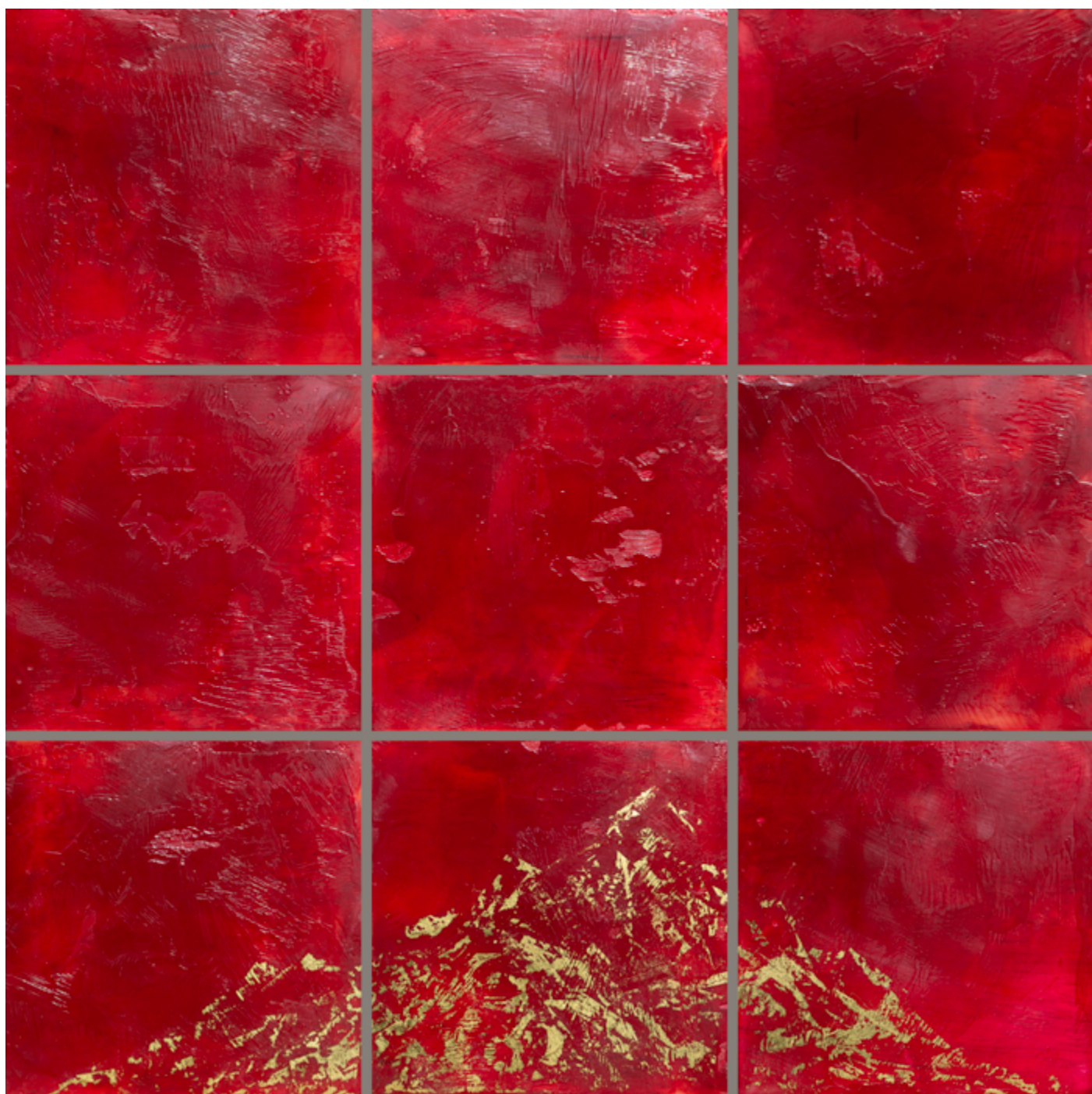
Fernanda Valadares

São Paulo/SP, 1971. Vive em Cunha/SP e trabalha em São Paulo/SP.

Fernanda Valadares vive na zona rural, na região de Cunha/SP e trabalha em São Paulo. Tem bacharelado e licenciatura pela Faculdade Santa Marcelina (SP), e é mestre em poéticas visuais pelo Instituto de Artes/UFRGS em Porto Alegre/RS. Teve trabalhos selecionados para o I Concurso Itamaraty de Arte Contemporânea, 64º Salão de Abril/CE e 42º Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto. Participou de várias exposições coletivas e realizou as exposições individuais: Museu de Arte Extemporânea (2012), através do XIII Concurso de Artes Plásticas Goethe Institut Porto Alegre; Na Adega Evaporada, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (2014); e DEPOIS, na Galeria Mamute (2015)

“Para mim, a grande arte contemporânea é viver. Se vamos falar de experiência, essa é a experiência definitiva, abrange todo mundo. Vale pra tudo, vale pra todos, vale sempre”, escreve Fernanda Valadares, e completa: “meu trabalho é morar em um contêiner no alto da montanha, é acordar quando começa a clarear, é plantar o que se come. É conviver com aranhas e não com o trânsito. É se perguntar ‘como vim parar nesse filme’ e achar a resposta (mais uma verdade), porque é muito parecido com o filme que a humanidade viveu há milhares de anos, em todas as partes do planeta”.





Fernanda Valadares

Litologia Áurea, 2019

encáustica e folha de ouro 18k sobre compensado naval
60 x 60 cm

Ítalo Trindade

Natal/RN, 1971. Vive em Natal/RN.

Ítalo Trindade nasceu e vive atualmente em Natal, cidade de luz intensa e permanente. Da sua formação em Desenho Industrial e da observação das folhas das plantas, que Ítalo estuda minuciosamente, partem estruturas em triângulos e quadrados que marcam sua produção. Filiado ao construtivismo, desenvolveu um processo de criação de alta complexidade e maturidade formal. Ítalo Trindade, aposta na potencialidade da cor, constrói um delicado e colorido lirismo, na tradição da pintura modernista abstrata.





Ítalo Trindade
Crepúsculo, 2022
acrílica sobre tela
100 x 100 cm



Ítalo Trindade
Janelas, 2022
acrílica sobre tela
80 x 80 cm

Luiza Gottschalk

São Paulo/SP, 1984. Vive e trabalha em São Paulo/SP

Natureza e visceralidade são atribuições que podem ser conferidas na pintura de Luiza Gottschalk. Trouxe da mata da serra da Mantiqueira, onde morou até os 9 anos de idade, o olhar para a paisagem de maneira singular, retratando de forma orgânica a atmosfera dessa mata fechada com tons ficcionais. Luiza diz que a primeira pintura que viu na vida foram os líquens das árvores do bosque vermelho.

Hoje a cor é quem norteia o trabalho da pintora, que desenvolveu uma técnica única misturando tecidos, água, pigmentos e tinta óleo. Nessa técnica, o acaso é tratado como habilidade na maneira que Luiza organiza os caminhos das águas coloridas tingindo a tela e compondo com a tinta a óleo.

Antes da pintura, Luiza teve vasta experiência nas artes cênicas, por 10 anos desenvolveu pesquisas permeando o teatro, a dança, o cinema e a instalação junto a Cia de teatro Os Satyros, onde trabalhou como diretora, atriz, cenógrafa e produtora. Da experiência com o teatro Luiza traz procedimentos em relação a interdisciplinaridade das linguagens e a relação com o público.

Graduada em Artes Cênicas pelo teatro-escola Célia Helena (2001) em artes Plásticas pela FAAP (2014) e pós graduada em Artes Visuais pela FAAP (2018) Luiza Ganhou os 46º e 47º prêmios da anual de artes no Museu de Arte Brasileira MAB.





Luiza Gottschalk
Sem Título, 2022
óleo e acrílica sobre tela
73 x 103 cm



Luiza Gottschalk
Sem Título, 2022
óleo e acrílica sobre tela
73 x 103 cm

Marcelo Gandhi

Natal/RN, 1975. Vive e trabalha em São Paulo/SP.

Artista visual e educador, nasceu em 1975 em Natal, RN. Graduiu-se em Arte-educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Seu trabalho transita pela música, performance, desenho, pintura e escultura. Foi selecionado para a Bolsa Residência EXO, do Itaú Cultural/ Ed. Copam em São Paulo. Gandhi fez sua primeira individual, *A mente do oceano segundo Deus ou a grande mentira*, na Pinacoteca do Rio Grande do Norte, seguindo a coletiva, do 58 Salão de Abril em Fortaleza- CE. Dentre as exposições mais significativas de sua trajetória, destacam-se: *Que vai chover amanhã*, Sobrado Dr José Lourenço, 2019; *Shopchão, lixo de artista*, Ibirapuera, 2018; *Aparelhamento*, Funarte, 2016; *13 Bienal Naif*, Sesc Piracicaba 2016; *2 acciones al margen*, Bucamaramaga 2014; *5 extra*, Universidade Autônoma do México, 2014; *Uniforplástica*, Espaço Cultural Unifor, 2013; *Mostra nordeste visual*, Museu Murilo la Greca, Pinacoteca do RN, Centro Cultural Banco do Nordeste, 2013; *Metrô de superfície*, Paço das Artes, 2012; *Projeto mobile radio/projeto cacofonia*, Fundação Bienal de São Paulo, 2012;





Marcelo Gandhi
Sem Título, 2014
caneta posca sobre papel
35 x 50 cm

Marga Ledora

São Paulo/SP, 1959. Vive e trabalha em Campinas/SP.

Marga Ledora vem se dedicando à arte desde 1986.

Desenho, pintura, serigrafia, gravura em metal e fotografia são técnicas trabalhadas pela artista durante essas décadas de produção, com especial atenção ao desenho e à experimentação com diferentes materiais dentro desta técnica.

Seus trabalhos integraram as mostras, Four Flags, Galeria Jaqueline Martins, São Paulo (2020); Sonia Gomes & Marga Ledora, Galeria Mendes Wood DM, São Paulo (2018); Reinterpretando Grandes Imagens, Oficina Cultural Hilda Hilst, Campinas (2013), entre outras.





Marga Ledora

Sobre meus pés, 2017

lápiz carvão, lápis aquarelável e bastão oleoso colorido sobre papel

36 x 49 cm



Marga Ledora

Forma vermelha em fundo preto, 2006

pastel oleoso e grafite sobre papel

49 x 49 cm

Maria Lynch

Rio de Janeiro/RJ, 1981. Vive e trabalha no Rio de Janeiro/RJ.

Artista formada pela Chelsea College of Art and Design (Londres/EN), com mestrado concluído em 2008 e pós-graduação em 2007.

Entre suas principais exposições, prêmios e participações estão: individual *Torrente*, na Galeria Karla Osorio (2020, Brasília/DF), curadoria de Leandro Muniz; individual *Le Talisman*, na Galeria Baró (2019, São Paulo/SP), curadoria de Marc Pottier; residência *Wozen* (Lisboa/PT); individual *Black Over White*, selecionada pela Pacific Standart Point, na galeria Wilding Cran Gallery (2018, Los Angeles/USA); coletivas *TRIO Bienal e Coleção de Mulheres* na coleção do MAR, Museu de Arte do Rio (2018), individual *Máquina Devir*, na Oi Futuro (2017, Rio de Janeiro/RJ), curadoria de Bernardo Mosqueira; individual *Spaces and Spectacle*, na Wilding Cran Gallery (2016, Los Angeles/USA).

Em 2014 realizou uma residência artística na RU (Nova Iorque/USA) e no mesmo ano ganhou um prêmio do Consulado do Brasil nos EUA. Em 2012, foi convidada a expor nas Olimpíadas de Londres, no Barbican e no Paço Imperial (Rio de Janeiro/RJ), além de participar da residência artística *Bordalo Pinheiro*, em Lisboa/PT.





Maria Lynch
Sem Título, 2022
acrílica sobre tela
90 x 120 cm



Maria Lynch
Sem Título, 2022
acrílica sobre tela
90 x 120 cm

Renan Teles

São Paulo/ SP. 1985. Vive e trabalha em São Paulo/ SP.

Renan Teles é um artista afroindígena de origem Xacriabá. Nasceu e vive em Itaquera, periferia de São Paulo/SP. É criador do projeto Fotografia Popular Brasileira, que tem levado exposições, cursos e oficinas gratuitas para escolas públicas e ocupações culturais da periferia de São Paulo.

Sua pesquisa debruça-se sobre o potencial relacional e narrativo da criação de imagens, tendo como suporte tanto a fotografia como a pintura. Em suas obras, é discutido o próprio suporte, além de questões sociais sobre negritude e sexualidade.





Renan Teles
A fantasia, 2022
óleo sobre tela
30 x 35 cm



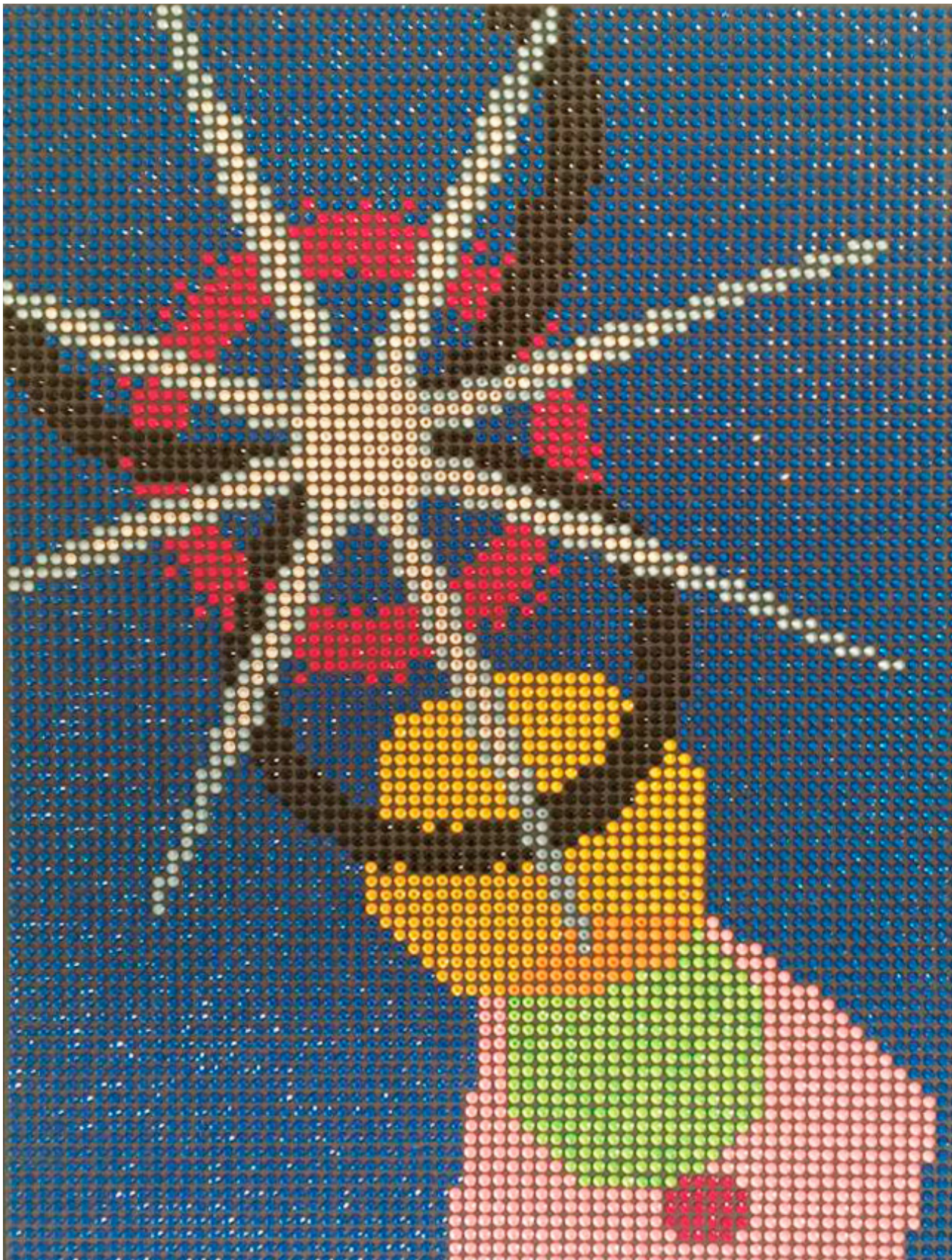
Renato Pera

São Paulo/SP, 1984. Vive e trabalha em São Paulo/SP.

Os trabalhos de Renato Pera podem ser localizados num campo de experimentação aberto, sem hierarquias quanto aos meios, e de interesse pelo espaço arquitetônico e urbano. Configuram-se, em geral, como respostas aos contextos onde são exibidos ou produzidos, mantendo ativas as tensões encontradas nesses contextos. Para o artista, os objetos e as suas qualidades materiais carregam usos sociais específicos que são colocados em circulação, de modo crítico, pelos trabalhos.

Renato Pera tem explorado estratégias de intensificação da experiência fenomenológica com a sobrecarga de estímulos visuais, táteis e sonoros, na transformação de ambientes, intervenções em fachadas, interiores arquitetônicos e espaços públicos. Utiliza elementos que produzem fascínio visual e sensação de artificialidade, como superfícies brilhantes, espelhadas, cores saturadas, referidos às superfícies luminosas da propaganda, da arquitetura e das telas, bem como aos seus comportamentos correlatos de narcisismo, hedonismo e assepsia. Tais estratégias procuram flagrar a tensão entre a fisicalidade dos corpos reais e a sua virtualização. Procuram flagrar o momento em que são convertidos em imagem. Ao mesmo tempo, o caráter fetichista dessas experiências é contrariado pela precariedade dos materiais que ostentam marcas processuais, acidentes, improvisos e irregularidade, pelo humor, por alusões escatológicas e fisiológicas, e por seu interesse pelo filme de horror.





Renato Pera

Brilhos II, 2022

Miçangas adesivas de acrílico sobre papel, montados em placa de alumínio composto
65,5 x 48 x 3,5 cm

Talita Hoffmann

Porto Alegre/RS, 1988. Vive e trabalha em São Paulo/SP.

Talita Hoffmann é graduada em Design Gráfico pela ESPM e Artes Visuais pela ECA-USP. Desde 2008 trabalha como ilustradora e designer para diversos veículos, dentro dos universos da música, artes e literatura. Ilustrou o livro "Jacaré, não!" de Antonio Prata (editora Ubu) e "A Revolução dos Bichos" de George Orwell (editora Antofágica). Já participou de mostras coletivas no Brasil e em países como Estados Unidos, Austrália, Finlândia, Espanha e Inglaterra. Dentre suas principais exposições, destacam-se: Fumetto International Comix Festival (coletiva, Lucerna, Suíça, 2018); Areia Movediça (individual, Galeria Lume, SP, 2015); Cidade do Interior (individual, Galeria Logo, SP, 2013); Transfer (coletiva, Pavilhão das Culturas Brasileiras, SP, 2010). Tem obras nas coleções do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo e Brazil Golden Art

Em seu trabalho, explora a relação entre paisagem, desenhos arquitetônicos e design gráfico através da pintura e do desenho. Por meio da cor, busca uma relação com o nostálgico, o familiar e o estranho. Em procedimentos próximos à colagem e à serigrafia, trabalha a sobreposição de espaços e embaralhamentos entre planos, estabelecendo contatos com a pintura naif, iconografias do cinema, teatro, música e a arte popular.





Talita Hoffmann
Carnaval, 2021
acrílica sobre papel
60 x 80 cm

Talles Lopes

Guarujá/ SP, 1997. Vive e trabalha em Anápolis/ GO.

Artista visual, arquiteto e urbanista graduado pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), participou de mostras como a XII Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo no Centro Cultural São Paulo (CCSP), da exposição Vaivém, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) e da 7ª edição do EDP nas Artes, no Instituto Tomie Ohtake, dentro do qual foi um dos artistas premiados. Realiza atualmente uma residência na Delfina Foundation (Londres).

Revisitando documentos históricos, como publicações, catálogos de exposições e representações cartográficas, o artista vem elaborando uma série de mapas investigando a construção da ideia de um "Brasil moderno" como uma contraditória atualização de um imaginário colonial. Ao mesmo tempo, seu trabalho vem se dedicando as tensões existentes na apropriação e reinvenção dos ícones da arquitetura moderna por diferentes arquiteturas não-oficiais no interior do Brasil.





Talles Lopes

Sem Título, 2022

guache e nanquim sobre papel Fabriano

72 x 72 cm



info@aura.art.br
Whatsapp: +55 11 3034 3825
aura.art.br
São Paulo, SP.